

A EDUCAÇÃO ESPECIAL NO CONTEXTO DA INCLUSÃO EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

José Igor Vasconcelos de Oliveira¹; Max Muller Freitas da Silva²; César Augusto da Silva Farias³; Rosângela Margarida da Silva⁴; Caio Felipe Ramos de Vasconcelos⁵

1-Universidade Federal de Pernambuco-Centro acadêmico de Vitória de Santo Antão-
igorvasconcelos200@hotmail.com

2-Universidade Federal de Pernambuco-Centro acadêmico de Vitória de Santo Antão-
max_16miuller@hotmail.com

3-Universidade Federal de Pernambuco-Centro acadêmico de Vitória de Santo Antão-
cesar.augusto_r.j@hotmail.com

4-Universidade Federal de Pernambuco-Centro acadêmico de Vitória de Santo Antão-
rosangelamargarida@hotmail.com

5-Universidade Federal de Pernambuco-Centro acadêmico de Vitória de Santo Antão-
caiofelipe100@hotmail.com

Introdução:

O cenário político da educação especial no Brasil, nos últimos 20 anos, vem passando por várias reformas com implicações práticas no cotidiano das escolas. A educação especial era objeto das principais instituições especializadas (Ministério da Educação e Secretaria de Educação Especial, 1994), começa a ser considerada uma modalidade de ensino destinada aos alunos com necessidades educacionais especiais, preferencialmente, na rede regular de ensino (Lei n. 9.394, de 1996), sendo posteriormente enfatizado, por meio da Resolução CNE/CEB n. 2, (2001), seu direcionamento para a rede regular de ensino e, apenas extraordinariamente, o atendimento de alunos com deficiência em escolas ou classes especiais, incorporando, assim, na política nacional, as premissas internacionais sobre a educação especial (GARCIA & MICHELS, 2011).

Tema atual nas discussões sobre os desafios e novos rumos da escola, a inclusão de alunos com deficiência divide opiniões de educadores e gestores escolares. Se, por um lado, são destacados os benefícios que esse processo pode trazer para todos os envolvidos, muito além do que apenas para os alunos que são inclusos; por outro, a inclusão ainda desperta dúvidas e anseios em toda a comunidade escolar. Na área da Educação Física escolar, o discurso não é diferente, e observa-se que muitos professores ainda se veem cercados de questionamentos diante do desafio de planejar atividades e saberes que possam contemplar estudantes com diferentes possibilidades e condições específicas (GREGUOL & MALAGODI & CARRARO, 2018).

A Conferência Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) sobre Necessidades Educacionais Especiais, realizada em 1994, resultou na elaboração da Declaração de Salamanca, a qual pontuou que os países signatários deveriam se comprometer em empreender esforços no sentido de tornar real o movimento de inclusão escolar (SILVA & LLERENNA JÚNIOR & CARDOSO, 2007). Nesse sentido, mudanças no âmbito legislativo e na organização escolar têm sido desencadeadas no Brasil desde então com o intuito de melhorar a formação profissional e garantir o amplo acesso de todos os alunos à escola comum. No entanto, embora avanços tenham sido observados, a formação de professores ainda é um desafio, uma vez que a simples oferta de disciplinas obrigatórias nos cursos de graduação não é capaz de garantir qualidade na atuação docente (BAUMEL & CASTRO, 2002).

Ao longo do tempo, a forma como professores de Educação Física escolar percebem a

atuação com alunos deficiência tem se modificado de maneira profunda. Há pouco mais de duas décadas, trabalhar com atividades físicas para essa população era visto como uma tarefa exclusiva de fisioterapeutas ou terapeutas ocupacionais. Mesmo os cursos de Educação Física no ensino superior só passaram a incluir conhecimentos específicos sobre pessoas com deficiência no início dos anos de 1980 (PEDRINELLI & VERENGUER, 2008).

O professor é considerado um ator de suma importância no contexto escolar e no processo de ensino e da aprendizagem, pois está em contato direto com essa criança, constituindo-se do meio de transmissão do conhecimento, além de ser o facilitador no processo ensino-aprendizagem. Considera-se que a formação desse profissional pode influenciar, de diversas maneiras, sua atuação no âmbito da sala de aula. Essa formação será a base de seu desempenho e a preparação para situações que advirão em seu cotidiano (SANT'ANA, 2005).

Os professores de Educação Física reconheceram, ainda, outros participantes envolvidos com a inclusão: os pais (FALKENBACH & LOPES, 2010). A família dificultou a inclusão de alunos com deficiência, segundo os resultados das pesquisas, à medida que superprotegeu ou negou a deficiência do filho (BRITO & LIMA, 2012).

O currículo da Educação Física deve estar vinculado ao Projeto Político Pedagógico da escola, pois esse documento representa a identidade de cada instituição educacional. Este tem como principal finalidade organizar e orientar as dimensões pedagógicas do processo educacional. Seus principais elementos são os objetivos, conteúdos, metodologias de ensino e critérios de avaliação (DARIDO & RANGEL, 2005).

No entanto, embora avanços tenham sido observados, a formação de professores ainda é um desafio, uma vez que a simples oferta de disciplinas obrigatórias nos cursos de graduação não é capaz de garantir qualidade na atuação docente (BAUMEL & CASTRO, 2002).

Este resumo pretendeu-se analisar a educação especial no contexto da inclusão em aulas de Educação Física em relação ao manejo com alunos portadores de deficiências. A dificuldade do professor de Educação Física com a metodologia usada e como propiciar o conteúdo abordado. Contudo, sabemos que o profissional não é o único e exclusivamente responsável pela exclusão do aluno deficiente de sua aula.

Metodologia:

Executou-se uma revisão integrativa com busca de artigos nas bases de dados on-line: Scielo e BVS. Utilizou-se as seguintes palavras chaves: “educação especial” and “inclusão” and “educação inclusiva”; “educação física” and “educação especial”; “educação física” and “inclusão” and “ensino”. Selecionou-se 10 artigos de um total 123. Durante as buscas não considerou-se limite de artigos, sendo estes posteriormente selecionados por critérios de inclusão e exclusão. Foram excluídos artigos de revisão, teses de mestrado e doutorado e artigos cuja temática não era voltada para a educação especial na educação física.

Resultados e Discursão:

Os autores Fiorini e Manzini (2014) relatam que o professor de Educação Física tem papel fundamental no processo da inclusão educacional. Os alunos com e sem deficiência também fazem parte do processo e, na visão dos professores, podem apresentar atitudes e características que dificultam a inclusão. As dificuldades atribuídas ao aluno com deficiência foram: 1) o sentimento de inferioridade; 2) faltava constantemente das aula; 3) o desinteresse em participar das aulas; 4) a dificuldade para entender e executar as atividades.

Um ponto considerado por Winnick (2004) é que o professor de Educação Física se refere à maneira de apresentar um conteúdo, com atenção à seleção e modificação de estilos

de ensino que proporcionem os maiores benefícios educacionais a todos os alunos.

A inserção do esporte adaptado nas aulas de Educação Física possibilita que o professor desenvolva atividades de conscientização sobre a deficiência. De acordo com Darido e Rangel (2005), a vivência de atividades que simulam a condição de deficiência por curtos períodos corresponde a um dos níveis do processo de sensibilização quanto às possibilidades e limites das pessoas com deficiências o elemento constituinte do planejamento é a adaptação. Algumas atividades só se tornam acessíveis às pessoas com deficiência mediante a realização de adaptações (MUNSTER & ALMEIDA, 2006). Adaptar é ajustar a tarefa ao nível de desempenho da pessoa e pode ocorrer por meio do manejo de variáveis, como: os ambientes temporal, físico, psicossocial, os equipamentos, os materiais, a instrução, a tarefa e a regra.

Ainda sobre as adaptações, Munster (2013) sugeriu quatro combinações entre adaptações curriculares e metodológicas, sendo elas: 1) conteúdo convencional e recursos e estratégias usuais; 2) conteúdo convencional e recursos e estratégias diferenciadas; 3) conteúdo alternativo e recursos e estratégias adequados e, 4) conteúdo adaptado e recursos e estratégias específicos.

Costa, Moreira e Seabra Júnior (2015) relatam que a Educação Física é uma disciplina que leva o aluno a refletir, por meio do movimento, suas ações e necessidades frente às demandas da sociedade atual na qual este precisa posicionar-se. Do mesmo modo, a Educação Física Adaptada visa compreender necessidades e desenvolver capacidades, em suma, potencializar ações para independência e autonomia em meio a suas competências sociais e educacionais, no caso específico das crianças com Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), estimular a memória, atenção e concentração por meio de estratégias de ensino e recurso pedagógico.

Para Lavarda e Bidarra (2007) as dificuldades desse tema podem ser resumidas em dificuldades relacionadas à como instruir os alunos. A instrução é uma das variáveis que pode ser adaptada para tornar uma atividade acessível às pessoas com deficiência. No caso do aluno com hipótese de baixa-visão, certas barreiras da aprendizagem estão relacionadas aos componentes da linguagem no momento de exposições orais, como as coordenadas espaço-temporais que podem dificultar a compreensão.

Omote e Pereira Júnior (2011) enfatizaram que a qualidade e a quantidade de contato com pessoas com deficiência têm impacto na atitude frente a tais pessoas. A possibilidade de contato prévio e a qualidade desse contato são fatores que as pesquisas identificam como tendo influência no desenvolvimento de atitudes mais favoráveis em relação às pessoas com deficiência. Também verificaram que professores que tinham alguma experiência docente prévia com alunos com deficiência possuíam uma atitude social significativamente mais favorável à inclusão que os demais professores.

Blanco (2004) relata que as adaptações curriculares não devem ocorrer de forma indiscriminada, pois para atender as necessidades educacionais dos estudantes com deficiência não é necessária a sistematização de um currículo novo, e sim a flexibilização de um currículo passível de modificações centrado nas potencialidades dos educandos com deficiência, alinhado à proposta curricular comum.

Silveira, Enumo e Rosa (2012) afirmam que a falta de capacitação profissional adequada, tanto na formação inicial da graduação como na formação continuada, é vista como um grande entrave ao processo de inclusão escolar. Além disso, os cursos extracurriculares (na forma de extensão ou pós-graduação) que abordem temas relacionados à educação especial ou à Educação Física adaptada, podem favorecer a melhora da competência percebida pelos professores para lidar com as situações advindas no processo. Dessa forma, os cursos de capacitação na área da deficiência são vistos como parte fundamental da formação

continuada dos professores e podem ter efeito positivo na forma como estes percebem sua competência para lidar com alunos com deficiência em situações inclusivas.

Conclusão:

Diante do que foi exposto, observa-se que as atitudes dos professores de Educação Física diante da inclusão de alunos com deficiência são muitas vezes contraditórias, exibindo por um lado receio de não possuir a competência necessária para a atuação adequada, e, por outro, demonstrando clareza sobre os benefícios do processo para todos os alunos. O número crescente de alunos com deficiência que são matriculados atualmente no sistema regular de ensino impõe um desafio iminente a toda comunidade escolar. Embora professores de Educação Física em muitas situações demonstrem ser mais predispostos à inclusão do que seus colegas de outras áreas, apenas a adequada capacitação profissional e a implementação de novas abordagens curriculares poderão melhorar a sensação de competência desse profissional, colaborando para a mudança de suas atitudes.

Referências:

BAUMEL, Roseli; CASTRO, Adriano. **Formação de professores e a escola inclusiva: Questões atuais.** Integração, Brasília, v. 14, n. 24, p. 6-11, 2002.

BLANCO, Ricardo. **A atenção à diversidade na sala de aula e as adaptações do currículo.** In: COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALACIOS, J. (Org.). Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 290-308.

BRITO, Renato; LIMA, Joana. **Desafios encontrados pelos professores de educação física no trabalho com alunos com deficiência.** Corpo, movimento e saúde, Salvador, v.2, n.1, p.1-12, 2012.

COSTA, Camila; MOREIRA, Jaqueline; SEABRA JÚNIOR, Manoel. **Estratégias de Ensino e Recursos Pedagógicos para o Ensino de Alunos com TDAH em Aulas de Educação Física.** São Paulo: Revista Brasileira De Educação Especial, 2015.

DARIDO, Suraya; RANGEL, Irene. A. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica.** 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FALKENBACH, Antônio; LOPES, Elida. **Professores de Educação Física diante da inclusão de alunos com deficiência visual.** Pensar a Prática, Goiânia, v.13, n.3, p.118, 2010.

FIORINI, Maria; MANZINI, Eduardo. **Inclusão de alunos com deficiência na aula de educação física: identificando dificuldades, ações e conteúdos para prover a formação do professor.** São Paulo: Revista Brasileira De Educação Especial, 2014.

GARCIA, Rosalba; MICHELS, Maria. **A política de educação especial no Brasil (1991-2011): uma análise da produção do GT15-educação especial da ANPED.** Rev. bras. educ. espec, v. 17, n. spe1, p. 105-124, 2011.

GREGUOL, Marcia; MALAGODI, Bruno; CARRARO, Attilio. **Inclusão de Alunos com Deficiência nas Aulas de Educação Física: Atitudes de Professores nas Escolas Regulares.** 1. Rev. bras. educ. espec, v. 24, n. 1, p. 33-44, 2018.

LAVARDA, Santa; BIDARRA, Jorge. **A dêixis como um "complicador/facilitador" no contexto cognitivo e lingüístico em ambiente educacional face aos alunos com deficiência**

visual. São Paulo: Revista Brasileira de Educação Especial, 2007.

MUNSTER, Mey; ALMEIDA, Joana. **Um olhar sobre a inclusão de pessoas com deficiência em programas de atividade motora:** do espelho ao caleidoscópio. In: RODRIGUES, D. (Org.). *Atividade Motora Adaptada: a alegria do corpo.* São Paulo: Artes Médicas, 2006.

MUNSTER, Mey. **Inclusão de estudantes com deficiências em programas de educação física: adaptações curriculares e metodológicas.** São Paulo: Revista da Sobama, 2013.

OMOTE, Saldão; PEREIRA JÚNIOR, Antônio. **Atitudes sociais de professoras de um município de médio porte do Paraná em relação à inclusão.** São Paulo: Pesquisas e Práticas Psicossociais, 2011.

PEDRINELLI, Vitor; VERENGUER, Renata. **Educação física adaptada: introdução ao universo de possibilidades.** In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Org.). *Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais.* 2^a ed. Barueri: Manole, 2008. p. 1-27.

SANT'ANA, Ivana. **Educação inclusiva: concepções de professores e diretores.** *Psicologia em estudo*, Marília, v.10, n.2, p.227-234, 2005.

SILVA, Eduardo; LLERENA JR, Juan; CARDOSO, Maria. **Estudo seccional descritivo de crianças com deficiência auditiva atendidas no Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, Brasil.** *Cadernos de Saúde Pública*, v. 23, p. 627-636, 2007.

SILVEIRA, Kelly; ENUMO, Sônia; ROSA, Edinete. **Concepções de professores sobre inclusão escolar e interações em ambiente inclusivo.** *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, 2012.

WINNICK, Joseph. **Organização e Gerenciamento de Programas.** In: WINNICK, J. P. (Org.). *Educação física e esportes adaptados.* Barueri: Manole, 2004.